

## **Medida de Objetificação de Mulheres: Adaptação e Evidências de Validade<sup>1</sup>**

### *Measure of Objectification of Women: Adaptation and Evidence of Validity*

Arima de Andrade Santana<sup>2</sup>, Kaline da Silva Lima<sup>3</sup>, Marcus Eugênio Oliveira Lima<sup>2</sup>, Francisca Ádila dos Santos<sup>2</sup>

**RESUMO:** A objetificação refere-se à experiência de ser tratada apenas como um corpo-instrumento. O presente artigo objetivou validar a Escala de Objetificação de Mulheres (EOM). O primeiro estudo consistiu na adaptação dos itens e validade de conteúdo, mediante um processo de tradução, concordância entre especialistas sobre adequação, clareza e relevância. O segundo estudo contou com uma amostra de 253 homens heterossexuais de 18 a 67 anos de idade ( $M = 36,06$ ;  $DP = 11,62$ ) que responderam a EOM e escalas de sexismo ambivalente e racismo. Os resultados demonstraram evidências de validade da estrutura interna:  $CFI = 0,98$ ,  $TLI = 0,98$ ,  $SRMR = 0,06$  e  $RMSEA = 0,03$ , e consistência interna ( $\alpha = 0,78$ ). Os escores de objetificação correlacionaram-se moderadamente com o sexismo ambivalente e racismo, demonstrando validação convergente-discriminante. Tais resultados indicam a validade da medida no contexto brasileiro, possibilitando seu uso em estudos futuros.

**Palavras-chave:** Objetificação de mulheres; Escala; Validade.

**ABSTRACT:** Objectification refers to the experience of being treated only as a body-instrument. This article aimed to validate the Women's Objectification Scale (WOE). Two studies were conducted: The first study consisted of adapting the items and content validity, through a translation process, agreement between experts on adequacy, clarity and relevance. The second study had a sample of 253 heterosexual men aged 18 to 67 years ( $M = 36.06$ ;  $SD = 11.62$ ) who answered the EOM and scales of ambivalent sexism and racism. The results showed evidence of validity of the internal structure:  $CFI = 0.98$ ,  $TLI = 0.98$ ,  $SRMR = 0.06$  and  $RMSEA = 0.03$ , and internal consistency ( $\alpha = 0.78$ ). Objectification scores moderately correlated with ambivalent

---

<sup>1</sup> A pesquisa foi financiada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

<sup>2</sup> Universidade Federal de Sergipe (UFS)

<sup>3</sup> Universidade de Fortaleza (UNIFOR)

sexism and racism, demonstrating convergent-discriminant validation. Such results indicate the validity of the measure in the Brazilian context, allowing its use in future studies.

**Keywords:** Objectification of women; Scale; Validity.

### Introdução

A objetificação se refere ao comportamento de tratar os indivíduos com base em suas características externas e não internas (Curran, 2004). A exposição à objetificação é uma experiência cotidiana para as mulheres ao redor do mundo, o que pode trazer consequências emocionais negativas, com repercussões a longo prazo na sua saúde mental (Koval et al., 2019). A vivência de objetificação por mulheres causa diretamente angústia, vergonha e menor interação social (Moradi & Huang, 2008), aumenta o risco de desenvolvimento de transtornos mentais (Szymanski et al., 2011), gera menores salários oferecidos às mulheres (Carlsson et al., 2022). Tal discriminação é reforçada pela mídia (Roca, 2018).

Além disso, a objetificação pode, indiretamente, causar a auto objetificação (Fredrickson & Roberts, 1997; Ward et al., 2023), ou seja, quando as mulheres internalizam esses julgamentos ou consideraram suas identidades primeiro como corpos, em detrimento de outras características pessoais, o que acarreta prejuízos ao bem-estar, saúde mental (Roberts et al., 2018), desempenho cognitivo, desejo de aprovação dos outros (Chen et al., 2022) e a própria consciência corporal (Felig et al., 2021). Além disso, a objetificação sofrida se relaciona ao apego ansioso nos relacionamentos íntimos (Jiao et al., 2022). Tais impactos negativos são ainda mais fortes em mulheres pertencentes a outras minorias sociais (Moradi & Tebbe, 2022; Ward et al., 2023).

Apesar de ser extremamente prejudicial para as mulheres, a objetificação ocorre com frequência em nossa sociedade. Um estudo australiano, por exemplo, identificou a partir de relatos de uma amostra 81 mulheres que, durante uma semana, cada mulher relatou ter sido alvo de objetificação entre 3 a 4 vezes em média e testemunhou objetificação sexual de outras mulheres entre 9 a 10 vezes em média (Holland et al., 2017). As crenças objetificantes reproduzidas pelos homens em relação as mulheres podem estar relacionadas a múltiplos indicadores, como fatores sociais, culturais (valores patriarcais), étnicos e econômicos, não se limitando apenas às diferenças biológicas (Ward et al., 2023).

Fredrickson e Roberts (1997) propõem a Teoria da Objetificação, definindo-a como qualquer ação que separe o corpo, partes do corpo ou função sexual de uma mulher de sua *persona*, isto é, de sua identidade, como se as partes do seu corpo fossem capazes de representá-la. O conceito de objetificação é mais geral do que o da objetificação sexual, isto é, a visão de outra pessoa como um instrumento a ser usado para objetivos sexuais (Fredrickson & Roberts, 1997). Esse tipo específico de objetificação tem sido estudado em fatores expressos em forma de assédio sexual, quando uma mulher é xingada, cobiçada, apalpada ou recebe assobios na rua, por exemplo (Fileborn, 2019). A objetificação de mulheres, de um modo generalizado, também inclui crenças internalizadas da objetificação. Ou seja, a definição de tratar os indivíduos com base em suas características externas e não internas também ajuda entender a objetificação para um comportamento maior, que inclui a objetificação sexual como um de seus componentes estruturantes (Curran, 2004).

As mulheres que são objetificadas são vistas como menos humanas (Gothreau et al., 2022), percebidas com menos capacidade mental para pensar e tomar decisões (Ward et al., 2023) e vistas como menos merecedoras de tratamento moral pelos outros

(Heflick et al., 2011). Além disso, evidências sugerem que para aquelas mulheres percebidas como mais abertas ao sexo casual e como menos atrativas são atribuídas menos capacidade mental e menos status moral (Kellie et al., 2019), ou seja, menos características humanas.

Um dos pontos mais gerais em muitos estudos sobre a objetificação é que os homens tendem a pensar os comentários como brincadeiras ou piadas, enquanto as mulheres percebem esses comentários como assediadores. Essa percepção que os homens têm sobre o assédio e a objetificação pode ser reflexo de uma relação de poder social masculino sobre o gênero feminino e ou falta de conhecimento, e estes fatores podem ser as causas subjacentes para vários tipos de objetificação (Quinn, 2002).

Em um estudo de caso detalhado por Gervasio e Rudkdeschel (1992), percebeu-se que em nível individual o assediador masculino quando contestado sobre sua atitude, frequentemente se justifica afirmando que a vítima em particular era muito sensível sobre um comentário que “não significava nada”. O fato de que os homens muitas vezes percebem a objetificação como uma ação social natural e inofensiva, corrobora com as descobertas de Zolot (2003), de que a objetificação da mulher é vista como um comportamento natural e divertido. Tal comportamento é descrito por frases como “Penso que comentar sobre as características físicas de uma mulher é algo natural.” ou “Costumo fazer piadas sobre mulheres”.

Outro aspecto da objetificação generalizada é o insulto a mulheres consideradas pouco atraentes, exemplificado por frases como “Já comentei com meus amigos sobre mulheres que acho pouco atraentes”. Embora exista a ideia de que beleza e atratividade equivalem a outras características positivas e que isso contribui para a objetificação, nem sempre a objetificação é focada em pessoas atraentes (Curran, 2004). Ou seja, objetificação atinge tanto mulheres consideradas atraentes quanto as vistas como não

atraentes. Com isso, a objetificação faz com que as mulheres se envolvam na vigilância de sua aparência, com alto controle do peso corporal (Franco et al., 2022; Frederick et al., 2022; Wanniarachchi et al., 2022).

A separação corpo e rosto também seria um tipo de objetificação, exemplificada pela frase “É mais provável que eu note ou flerte com uma mulher que tenha um corpo atraente do que com uma que tenha apenas um rosto atraente” denota que a objetificação do corpo é distinta a objetificação do rosto. Estudos evidenciam que os homens priorizam determinados tipos de corpos de mulheres para escolher com quem se relacionar sexualmente ou de forma duradoura, independente do rosto (Singh & Young, 1995) e que a maioria dos comentários que foram classificados como objetificação sexual tinham a ver com o corpo da mulher, não com o rosto (Gervasio & Rudkdeschel, 1992). No entanto, análises fatoriais separando face e corpo não se mostraram consistentes (Zolot, 2003).

Uma causa provável da objetificação é a desempatia. Possivelmente, a maioria dos homens que objetificam mulheres simplesmente o fazem por não simpatizar com elas (Curran, 2004). Nesse sentido, a ideia de falta de empatia pode ser uma das maneiras de tentar prevenir a objetificação (Zolot, 2003). Para reforçar essa hipótese, um estudo de Quinn (2002) evidenciou que homens que assediaram sexualmente mulheres mostram respostas diferentes quando solicitados a descrever o incidente primeiro por sua perspectiva e depois na perspectiva da mulher.

Uma última dimensão proposta por Curran (2004), e possivelmente a mais pesquisada na literatura, refere-se a objetificação sexual. Esse fator pode ser percebido em frases como “Se vejo uma mulher andando na rua, imagino rapidamente como ela seria durante o sexo” ou “Costumo imaginar como as mulheres que encontro diariamente ficariam se estivessem nuas”. Os estudos sobre esse tipo de objetificação

concentraram-se no assédio sexual, como uma forma de comportamento verbal. Isto é, o assédio sexual são palavras ou ações dirigidas à vítima, enquanto a objetificação sexual pode ser palavras ou comentários dirigidos a outra pessoa sobre a vítima, ou somente internalizados na imaginação. Essa objetificação sexual da imaginação também está ligada ao uso da pornografia (Borgogna et al., 2019; Katz, 2000), no sentido de "mercantilizar corpos" para a dominação e a submissão. Ou seja, argumenta-se que o assédio sexual, seja em palavras ou ações, é um tipo de objetificação sexual. O que há em comum entre os diferentes tipos de objetificação é "a experiência de ser tratada como um corpo (ou uma coleção de partes do corpo) valorizado predominantemente por seu uso (ou consumo) por outros." (Fredrickson & Roberts, 1997, p. 174).

Esforços recentes evidenciam a necessidade de mensurar a perpetração de objetificação. Riemer et al. (2022), por exemplo, desenvolveram uma medida de avaliação não apenas a perpetração de comportamentos objetificantes dirigidos às mulheres pelos homens, mas também suas cognições e crenças objetificantes, baseada no sexo (10 itens) e baseada na aparência (6 itens). A medida, que apresenta evidências iniciais de validade da estrutura interna, contribui para um estudo mais abrangente do fenômeno da perpetração da objetificação, incluindo a objetificação que reduz as mulheres ao apelo sexual ou à aparência.

No entanto, Curran (2004) já mencionava a necessidade de um instrumento que mesure a objetificação tanto em fatores externos quanto internos. Essa falta de medida foi suprida inicialmente por Zolot (2003), que se propôs a construção de um "*pool of items*" para uma medida de objetificação masculina das mulheres. A medida desenvolvida por Zolot (2003), apresentou em seu teste inicial resultados sobre a dimensionalidade da objetificação, tanto para aspectos externos quanto internos que se enquadravam em quatro fatores com consistência interna geral satisfatória para a lista

completa de itens ( $\alpha = 0,89$ ). Estes quatro fatores foram referentes a (i) aqueles que objetivam e percebem a objetificação como algo natural e divertido, (ii) percepção de que há uma diferença entre o rosto e o corpo quando os homens objetivam as mulheres, (iii) insultar as mulheres pouco atraentes é componente de um comportamento objetificante e (iv) a desempatia e a grosseria desempenham papéis importantes para a objetificação. Esses fatores contribuem para refletir sobre os estudos existentes da objetificação.

No entanto, ainda seria necessário um maior refinamento dos itens e da estrutura fatorial, como um quinto fator voltando para a objetificação sexual, bem como testes de confiabilidade teste-reteste e validade de construto. Dando prosseguimento ao estudo de Zolot (2003), o estudo de Curran (2004) testou evidências de validade do conjunto de itens desenvolvidos e apresentou os componentes principais para a mensuração da objetificação, como: confiabilidade interna, confiabilidade teste-reteste e validade de construto para os quatro fatores da medida de objetificação. Tal estudo se propôs a desenvolver uma medida de diferença individual da objetificação dos homens em relação às mulheres. A pesquisa investigou a confiabilidade de 41 itens em uma amostra de homens em idade universitária. Com isso, foram desenvolvidas duas medidas de objetificação, uma com 22 itens com consistência interna de 0,92 e uma correlação de confiabilidade teste-reteste de  $r(35) = 0,88$ ;  $p < 0,01$ , e uma outra medida reduzida composta por 12 itens, com consistência interna de 0,86 e um correlação de confiabilidade teste-reteste de  $r(35) = 0,88$ ,  $p < 0,01$ . Análises fatoriais para ambas as medidas evidenciaram, diferente de encontrado por Zolot (2003), três fatores de objetificação: a (1) objetificação sexual internalizada, (2) desempatia e comentários sobre os corpos das mulheres e (3) insultar mulheres pouco atraentes.

Nesse sentido, o objetivo geral desta pesquisa é obter evidências de validade da Escala de Objetificação de Mulheres (EOM) proposta por Curran (2004) para o contexto brasileiro. Vale salientar que não existe instrumento similar sobre o tema validado para o contexto brasileiro, por isso a sua importância. Para isso, foram conduzidos dois estudos: o estudo 1 se refere aos procedimentos teóricos e empíricos necessários para a adaptação dos itens para o contexto brasileiro e validação de conteúdo do instrumento psicológico. O estudo 2 apresenta evidências de validade da estrutura interna da EOM, bem como evidências de validade por correlações com medidas externas.

### **Estudo 1: Tradução/Adaptação e Validade de Conteúdo de Itens**

O objetivo deste estudo 1 é informar sobre o processo inicial de validação da escala de objetificação de mulheres (Curran, 2004). O presente estudo envolveu procedimentos teóricos e empíricos recomendados para a elaboração de instrumentos psicológicos baseados em construtos (AERA, APA, NCME, 2014). O processo seguiu quatro etapas: 1) tradução e adaptação dos itens para a cultura brasileira; 2) análise dos itens por um painel de especialistas (análise de avaliadores); e 3) determinação da compreensão do item pela população-alvo do instrumento. Apresentamos abaixo os métodos e resultados dessas etapas.

### **Método**

#### ***Participantes***

Participaram do processo de adaptação três especialistas, dois com mestrado e outro com doutorado, ambos das áreas da avaliação psicológica, psicometria e psicologia social. Além disso, foram entrevistados 12 alunos de graduação do primeiro semestre e quatro estudantes de graduação no último ano do programa para avaliar a compreensão dos itens.

### ***Instrumentos***

A Escala de Objetificação de mulheres consiste em 12 afirmativas que representam três dimensões: 1) objetificação sexual internalizada (e.g. Quando vejo uma mulher atraente, me pergunto sobre como seria fazer sexo com ela), 2) desempatia e comentários como um comportamento natural (e.g. As mulheres devem estar acostumadas a ouvirem os homens à sua volta comentarem sobre seus corpos) e 3) insultar mulheres pouco atraentes (e.g. Já comentei com meus amigos sobre mulheres que acho pouco atraentes).

Os avaliadores responderam um questionário enviado por e-mail para a avaliação de três critérios: adequação ao construto (grau que o item reflete o construto operacionalizado); relevância (importância do item para a medida na versão brasileira); e clareza de escrita (facilidade de compreensão). Cada critério tinha uma escala de resposta de 1 a 5. Os avaliadores também responderam se tradução e a adaptação estavam adequadas, bem como deram sugestões de melhoria. Por fim, solicitamos que os avaliadores apontassem qual o fator/dimensão cada item representava.

### ***Procedimentos***

#### **Tradução e adaptação inicial dos itens**

Os 12 itens da escala de objetificação foram traduzidos por três tradutores: um professor de língua inglesa não familiarizado com o tema e dois pesquisadores da área da psicologia social. Além da tradução, os pesquisadores sugeriram adaptações para a cultura brasileira. Após as três traduções foi realizada uma síntese da tradução pelos autores do presente estudo, detalhes desse processo estão em materiais suplementares anexados ao site: [https://osf.io/vjf8w/?view\\_only=0fba53dbaa8447b99741fc7c5b7d815d](https://osf.io/vjf8w/?view_only=0fba53dbaa8447b99741fc7c5b7d815d).

### **Análise de avaliadores de especialistas**

Medimos a validade de conteúdo por meio do coeficiente de validade de conteúdo (CVC) (Aiken, 1980). Especificamente, calculamos o CVC para cada item (CVCi) e a escala total (CVCt) com base nos critérios avaliados. Considerou-se os valores da CVC  $\geq 0,80$  como critério de corte para validade de conteúdo (Aiken, 1985).

### **Concordância dos avaliadores sobre os fatores**

A concordância inter-avaliadores sobre quais fatores/dimensões cada item pertencia foi avaliado por meio dos coeficientes kappa de Fleiss, adequado para concordância de três avaliadores ou mais, com intervalo de confiança de 95% e Índice de Correlação Intraclasse com intervalo de confiança de 95%. Pontos de corte para o coeficiente kappa oferecem níveis de concordância: moderada (0,41 a 0,60), substancial (0,61-0,80) e quase perfeita ou perfeita (0,81-1,00) (Fleiss et al., 2013). O ICC foi interpretado a partir dos valores: entre 0,50 e 0,75 são moderados, valores entre 0,75 e 0,90 são bons e valores maiores que 0,9 são excelentes.

### **Compreensão dos itens**

Alunos do primeiro semestre e estudantes do último ano do curso de psicologia avaliaram a compreensão dos itens. Pedimos que eles lessem os itens, explicassem se entenderam o conteúdo do item e sugerissem modificações.

## **Resultados**

### ***Validade de Conteúdo***

Todos os itens apresentaram valores de CVCi entre 0,69 e 0,93 referentes à adequação, clareza e relevância. Os coeficientes CVCt foram 0,90, 0,94 e 0,91 para esses critérios, respectivamente. Mudanças foram sugeridas na escrita dos itens com notas mais baixas do CVC. A Tabela 1 apresenta o CVCi e os itens antes e depois da análise dos avaliadores e da compreensão dos itens.

Todos os itens tinham médias de adequação, relevância e clareza superiores a 3,5. A concordância dos avaliadores sobre a pertinência dos itens aos fatores teorizados indicaram kappa de Fleiss de 0,59 (IC 95% [0,34; 0,84]. O ICC obteve valor 0,93 (IC [0,78; 0,98]. Como resultado das sugestões dos avaliadores, modificamos cinco itens. Além disso, reformulamos os outros 12 itens devido à análise de compreensão que realizamos com os alunos para a representação do público-alvo.

## Discussão

A tradução, adaptação dos itens, avaliação dos juízes e a análise de compreensão de redação mostraram evidências acumuladas da validade do conteúdo da EOM. Os resultados permitiram aprimorar a qualidade dos itens e especificar sua redação para atender melhor à definição teórica do construto e características culturais e semânticas do contexto brasileiro. No entanto, outras evidências de validade são necessárias investigar, como a validade da estrutura interna e convergente-discriminante. Isso foi realizado no estudo 2, adiante.

## Tabela 1

*Coefficientes de validade de conteúdo*

Itens	CVCi Adequação	CVCi Clareza	CVCi Relevância
1. Costumo imaginar como as mulheres que encontro diariamente seriam na cama.	0,696	0,963	0,896
2. Quando vejo uma mulher atraente, me pergunto sobre como seria fazer sexo com ela.	0,963	0,963	0,963
3. Se vejo uma mulher andando na rua, imagino rapidamente como ela seria durante o sexo.	0,696	0,963	0,896
4. Costumo imaginar como as mulheres que encontro diariamente ficariam se estivessem nuas.	0,763	0,963	0,963

5. É mais provável que eu observe ou paquere com uma mulher com um corpo atraente do que com uma que tenha apenas um rosto bonito.	0,696	0,830	0,763
6. A aparência de uma mulher pode dizer muito sobre sua disponibilidade sexual.	0,963	0,963	0,763
7. Penso que não há problemas em ser um pouco grosseiro ao comentar sobre as mulheres.	0,963	0,963	0,896
8. As mulheres devem estar acostumadas a ouvirem os homens à sua volta comentarem sobre seus corpos.	0,963	0,830	0,896
9. Já comentei com meus amigos sobre mulheres que acho pouco atraentes.	0,963	0,963	0,963
10. Eu nunca faria comentários com meus colegas sobre mulheres que considero pouco atraentes.	0,963	0,963	0,963
11. Já fiz piadas sobre mulheres feias.	0,963	0,963	0,963
12. Penso que comentar sobre as características físicas de uma mulher é algo natural.	0,963	0,963	0,963
<b>CVC<sub>t</sub></b>	0,90	0,94	0,91

Fonte. Os autores.

### **Estudo 2: Evidências da validade da estrutura interna e validade convergente-discriminante**

O objetivo deste estudo é apresentar evidências adicionais de validade da escala de objetificação (Curran, 2004). Serão apresentados os processos de validação da estrutura fatorial e a validade convergente-discriminante entre a Medida de Objetificação e as escalas de Sexismo Ambivalente (Formiga et al., 2002) e Racismo Revitimizador (Lima et al., 2020).

## **Método**

### ***Amostra***

Participaram desse estudo 253 homens auto-referidos como heterossexuais com idades entre 18 e 67 anos ( $M = 36,06$ ;  $DP = 11,62$ ). Com relação a cor da pele/etnia, 64% dos participantes declararam-se brancos, 19,4% “morenos” e 9,5% negros, enquanto 7,1% disseram ter outra cor de pele.

### ***Instrumentos***

**Medida de Objetificação de Mulheres.** Utilizamos a Medida de Objetificação de Mulheres (Curran, 2004) adaptada no Estudo 1. Essa medida é composta por 12 itens distribuídos em três fatores: 1) objetificação internalizada, 2) desempatia e comentários e 3) insultar mulheres pouco atraentes. A escala de resposta Likert varia de 1 (discordo totalmente) até 5 (concordo totalmente). Curran (2004) relatou boa consistência em amostra de estudantes dos EUA ( $\alpha = 0,86$ ) e obteve bons resultados de confiabilidade teste-reteste semanal ( $r = 0,88$ ). Além disso, a pesquisa demonstrou validade discriminante com medidas de assédio sexual.

**Inventário de Sexismo Ambivalente.** O inventário de sexismo ambivalente, produzido originalmente por Glick e Fiske (1996) foi traduzido e adaptado por Formiga et al. (2002) para ser aplicado em contexto brasileiro. A medida é composta por 22 itens que avaliam os estereótipos de gênero masculinos e femininos levando em consideração as influências do sexismo hostil ( $\alpha = 0,66$ ) e benevolente ( $\alpha = 0,77$ ). No presente estudo as consistências internas foram 0,91 e 0,82 respectivamente. A escala de resposta varia entre 1 (discordo totalmente) e 4 (concordo totalmente).

**Medida de Racismo.** A Escala de Racismo Revitimizador (ERR) (Lima et al., 2020), mensura as novas formas de expressões do racismo atribuído ao excesso retórico e de culpa às minorias. Essa escala é composta de 10 itens (e.g., O que chamam de

“privilégio dos brancos” é, na verdade, construído a partir do esforço das pessoas, e não uma vantagem já existente). A escala de resposta Likert varia de 1 (Discordo totalmente) a 5 (Concordo totalmente). No presente estudo a consistência interna foi satisfatória ( $\alpha = 0,88$ ), semelhante ao do estudo original ( $\alpha = 0,91$ ).

### ***Procedimentos de coleta de dados***

Para o procedimento de coleta de dados, o questionário foi divulgado nas redes sociais (Instagram e WhatsApp) e respondido individualmente por meio da plataforma online Qualtrics (<https://www.qualtrics.com/>). O questionário foi acessado somente após concordância com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

### ***Procedimentos de análise de dados***

Nesse estudo foi realizada uma análise fatorial confirmatória com o objetivo de obter evidências de validade da estrutura interna da Escala de Objetificação de Mulheres (Curran, 2004) em uma amostra brasileira. A análise foi implementada no software Jasp (Jeffrey's Amazing Statistics Program, versão 0.16.4.0) utilizando o método de estimação Robust Diagonally Weighted *Least Squares* (RDWLS), adequado para dados categóricos (DiStefano & Morgan, 2014).

Os índices de ajuste utilizados foram:  $\chi^2$ ;  $\chi^2/gf$ ; *Comparative Fit Index* (CFI); *Tucker-Lewis Index* (TLI); *Standardized Root Mean Residual* (SRMR) e *Root Mean Square Error of Approximation* (RMSEA). Valores de  $\chi^2$  não devem ser significativos; a razão  $\chi^2/gf$  deve ser  $\leq$  que 5 ou, preferencialmente,  $\leq$  que 3; Valores de CFI e TLI devem ser  $\geq$  que 0,90 e, preferencialmente acima de 0,95; Valores de RMSEA devem ser  $\leq$  que 0,08 ou, preferencialmente  $\leq$  que 0,06, com intervalo de confiança (limite superior)  $\leq$  0,10 (Brown, 2015).

A consistência interna da medida foi mensurada por meio de duas técnicas: 1) coeficiente alfa de Cronbach; e a confiabilidade composta (CC) para cada dimensão do

instrumento, com auxílio do site específico para essa análise (<https://www.thestatisticalmind.com/composite-reliability/>), sendo considerados satisfatórios índices acima de 0,60.

Além disso, para verificar a validade convergente e discriminante, foram realizadas correlações bivariadas das pontuações dos instrumentos, por meio do coeficiente  $r$  de Pearson, considerando como critério coeficientes com magnitude moderadas: validade convergente  $r > 0,30$  e validade discriminante  $r < 0,30$  (APA, AERA, NCME, 2014). Para o cálculo dos escores de cada instrumento, utilizamos a pontuação média (Somatório dos itens/ número de itens), de modo que quanto maior o escore médio, maior o nível do construto avaliado.

## **Resultados**

### ***Análise Fatorial confirmatória***

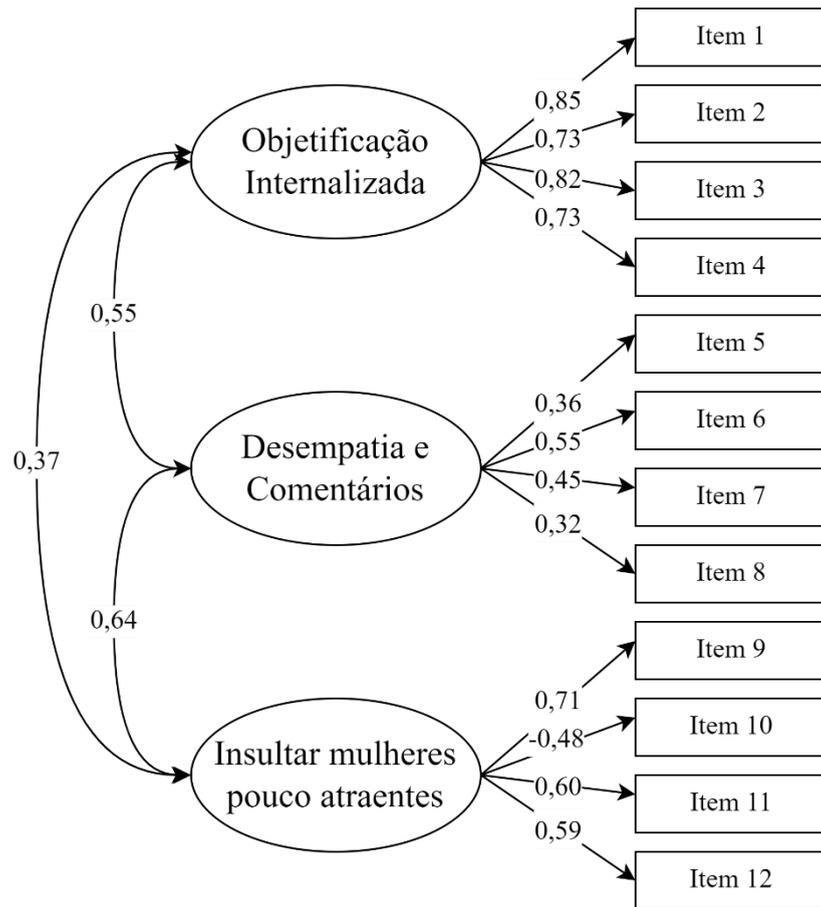
O modelo trifatorial da EOM apresentou valor de Qui-quadrado não significativo ( $\chi^2 = 65,752$ ;  $df = 51$ ;  $p = 0,08$ ), bem como a razão  $\chi^2/gf$  (1,28). Os demais índices de ajuste suportaram o modelo (CFI = 0,98, TLI = 0,98, SRMR = 0,06 e RMSEA = 0,03 [IC 90% = 0,00 – 0,05]). Assim sendo, os índices de qualidade da estrutura de três fatores demonstram ter um bom ajuste nesse modelo.

A estrutura trifatorial (Figura 1), demonstrou cargas fatoriais dos itens com magnitudes satisfatórias. O item 1 (Costumo imaginar como as mulheres que encontro diariamente seriam na cama) pertencente ao fator Objetificação Internalizada apresentou a maior carga fatorial ( $\lambda = 0,85$ ). No entanto, o item 8 (As mulheres devem estar acostumadas a ouvirem os homens à sua volta comentarem sobre seus corpos) apresentou a carga fatorial mais baixa para fator 2 de desempatia e comentários ( $\lambda = 0,32$ ). O item 10 (Eu nunca fazia comentários com meus colegas sobre mulheres que

considero pouco atraentes) apresentou carga negativa, devido o conteúdo do item ser o oposto a objetificação, e necessitou ser invertido para análises seguintes.

**Figura 1**

*Estrutura Fatorial da Escala de Objetificação de Mulheres (EOM)*



Fonte. Os autores.

As correlações entre os três fatores variaram entre 0,37 (entre o fator 1- Objetificação internalizada e o fator 3 – Insultar mulheres pouco atraentes) e 0,64 (entre o fator 2 – Desempatia e comentários e fator 3 – Insultar mulheres pouco atraentes). O fator 1 ainda apresentou correlação de 0,55 com o fator 2. Desta forma, evidencia-se que os fatores estão correlacionados entre si de por meio de relações de magnitudes moderadas e fortes.

### ***Consistência Interna***

As consistências internas mensuradas pelo coeficiente alfa de Cronbach e confiabilidade composta para a estrutura dos três fatores são apresentadas na Tabela 2. Os alfas de Cronbach foram 0,86, 0,46 e 0,68 para os três fatores, respectivamente. Os intervalos de confiança para os alfas de Cronbach também foram apresentados (Tabela 2). O alfa geral da escala foi de 0,78 (IC 95% [0,74 – 0,81]). Em relação a confiabilidade composta, o Fator 1 obteve valor de 0,864, o Fator 2 apresentou confiabilidade de 0,464 e o Fator 3 obteve a confiabilidade de 0,689.

**Tabela 2**

*Coeficientes alfas de Cronbach das Estruturas Fatoriais*

<b><i>Fatores</i></b>	<b><i>α</i></b>	<b><i>α IC 95%</i></b>	<b><i>CC</i></b>
Objetificação internalizada	0,864	0,840 - 0,884	0,864
Desempatia e Comentários	0,460	0,366 - 0,543	0,464
Insultar mulheres pouco atraentes	0,686	0,631 - 0,735	0,689

Fonte. Os autores.

### ***Validade Convergente e Discriminante***

Como apresentado na Tabela 3, os fatores 2 e 3 da escala de objetificação apresentaram validade convergente com o sexismo hostil ( $r > 0,30$ ). Ambos os fatores evidenciaram validade discriminante do sexismo benevolente e do racismo ( $r < 0,30$ ).

**Tabela 3**

*Estatísticas Descritivas e Correlações entre Fatores da Objetificação e Escores de Sexismo e Racismo*

	<b><i>m (dp)</i></b>	<b><i>Fator 1</i></b>	<b><i>Fator 2</i></b>	<b><i>Fator 3</i></b>
Sexismo Hostil	3,25 (0,66)	0,23**	0,46**	0,39**

Sexismo Benevolente	3,09 (0,56)	0,22**	0,11**	0,14**
Racismo	1,48 (0,66)	0,13*	0,29**	0,25**

---

*Nota:* m (dp) = média (desvio-padrão); \*\* (p < 0,01); \* (p < 0,05); Fator 1 (Objetificação internalizada); Fator 2 (Desempatia e comentários como algo natural); Fator 3 (Insultar mulheres pouco atraentes).

Fonte. Os autores.

### **Discussão**

Esse estudo teve o objetivo de realizar a adaptação para amostras brasileiras da Medida de Objetificação de Mulheres desenvolvida por Curran (2004), bem como obter evidências de validade da mensuração dessas crenças e atitudes objetificantes dos homens em relação as mulheres. Assim como no estudo original, a amostra foi composta apenas por participantes homens para atestar a validade da escala. Considera-se que o objetivo foi alcançando, ao assegurar os primeiros esforços de adequação do instrumento para o contexto brasileiro.

Os três fatores da objetificação de mulheres: 1) objetificação internalizada; 2) desempatia e comentários como comportamento natural; e 3) insultar mulheres pouco atraentes; foram corroborados pela análise fatorial confirmatória da escala com bons índices de ajuste. Na escala original com os 12 itens, o alfa de Cronbach foi 0,86 e confiabilidade teste-reteste satisfatória ( $r = 0,88$ ). A consistência interna das subescalas foram de 0,92 para o primeiro fator, 0,72 para o segundo fator e 0,84 para o terceiro fator. Uma análise fatorial limitada a três fatores e usando apenas esses itens replicou a estrutura fatorial do conjunto completo de itens acima. Em nossa escala a consistências dos três fatores demonstrou alfas de Cronbach de 0,86 para o primeiro fator – Objetificação internalizada, 0,46 para o segundo fator – Desempatia e comentários e 0,68 para o terceiro fator – Insultar mulheres pouco atraentes. Tal resultado demonstrou

uma boa confiabilidade dos itens da escala, com exceção do fator 2, cujo coeficiente foi baixo ( $< 0,60$ ). No entanto, a consistência interna geral da escala foi adequada para nível de pesquisa. Futuras aplicações da escala poderão investigar se a consistência do segundo fator permanece baixa.

Além disso, buscamos evidências adicionais de validade dos escores da EOM a partir da correlação com outros fatores relacionados aos processos de discriminação de mulheres (brancas e negras). Assim, utilizamos a escala de sexismo ambivalente (Glick & Fiske, 1998) e de racismo revitimizador (Lima et al., 2020) para atender a esse objetivo. Os resultados evidenciaram que dois fatores da escala de objetificação demonstram correlação mais forte com o sexismo hostil, e todos os fatores da objetificação demonstram fracas correlações com o sexismo benevolente e o racismo. Desta forma, demonstra-se que a objetificação de mulheres mensurada pelo instrumento se vincula a construtos relacionados, compartilhado de alguma variância, principalmente com o sexismo hostil, evidenciando a sua validação convergente. Por outro lado, o sexismo benevolente e o racismo mostraram-se construtos independentes da objetificação, evidenciando a validação discriminante.

Apesar das correlações encontradas na validade convergente-discriminante apresentarem de fraca a moderada magnitude, algumas reflexões podem ser suscitadas. Por exemplo, a correlação moderada entre fatores da objetificação e sexismo hostil pode ser explicada tendo em vista que a objetificação é uma expressão de violência mais flagrante e de opressão aberta das mulheres, como afere o sexismo hostil. Tanto o sexismo hostil quanto o benevolente se correlacionam de forma baixa e semelhante com a objetificação sexual internalizada. No entanto, há evidências de que objetificação sexual é percebida de forma tão ambígua quanto o sexismo benevolente (Riemer et al., 2014). As mulheres considerariam especificamente a objetificação sexual como mais

associada ao sexismo benevolente (Bohner et al., 2009), dependendo do tipo de comentário e de quem faz o comentário (Riemer et al., 2014). Por outro lado, é possível que os outros fatores da medida se relacionem mais fortemente com o sexismo hostil. De acordo com os resultados desse estudo, o fato de insultar e ter falta de empatia em relação às mulheres se relaciona mais fortemente ao sexismo hostil. No caso da fraca, porém significativa correlação e entre objetificação e racismo, pode-se interpretar a existência do fenômeno do preconceito generalizado (Akrami et al., 2011; Bergh & Brandt, 2022) e que isso faz com que ser objetificador signifique ser também preconceituoso, do ponto de vista racial, sem as medidas ou fenômenos se confundirem devido à baixa correlação.

Apesar da relevância dos resultados encontrados, algumas limitações importantes do estudo precisam ser destacadas, como o fato de a amostra ter sido não-probabilística (por conveniência), contando com a colaboração de homens que visualizaram o convite da pesquisa na internet e se interessaram pela temática. Além disso, observou-se baixas médias de objetificação, que podem caracterizar uma amostra de homens específica, ou mesmo com respostas influenciadas pela desejabilidade social. Por fim, uma outra limitação dos resultados foi o baixo valor no alfa de Cronbach e confiabilidade composta no segundo fator da escala (Desempatia e comentários), que deve ser mais bem investigada em futuros estudos.

Pesquisas futuras sobre a objetificação poderiam utilizar essa escala para responder porque a objetificação acontece e em quais situações ela está mais suscetível de ocorrer. Estudos experimentais podem utilizar do instrumento para testar se o nível de atratividade, a cor de pele ou o status social da mulher influenciam o grau em que ela é objetificada pelos outros. Além disso, o instrumento também pode ser usado em estudos interventivos que busquem propor estratégias para evitar ou prevenir que a

objetificação ocorra. A construção e validação de medidas psicométricas da objetificação em níveis para além do aspecto sexual, isto é, sem distinção de gênero que possa ser aplicada para ambos os sexos seria igualmente útil para aplicação em diversos contextos sociais, como a objetificação de minorias sexuais e de gênero.

### **Considerações Finais**

Nesse artigo foram apresentados dados iniciais que evidenciam a validade da EOM pelos homens (Curran, 2004). Especificamente, apresentou-se evidências de validade de conteúdo, de validade da estrutura interna e de validade por correlações com medidas externas, por meio da validade convergente, seguindo o proposto pelos *Standards for educational and psychological testing* (AERA, APA, & NCME, 2014). Outras evidências de validade, no entanto, devem ser buscadas por estudos posteriores com objetivo de aprimorar a medida no Brasil e trazer implicações importantes para teoria da objetificação.

Como implicações teóricas do presente estudo, obteve-se evidências adequadas, que se somam aos estudos da objetificação de mulheres, cujos resultados fortalecem a avaliação de três dimensões da objetificação. O estudo também demarca possibilidades de investigação da objetificação por sua relação com outros fenômenos sociais, como o sexismo e o racismo. Aponta-se como implicações práticas a utilização desta escala em estudos sobre objetificação e a interseccionalidade do sexismo e racismo estruturais, podendo favorecer intervenções para melhor compreender por que mulheres negras, mesmo tendo qualificação profissional elevada, ainda ocupam menos cargos de gerência no mercado, por exemplo.

## Referências

- Aiken, L. R. (1985). Three Coefficients for Analyzing the Reliability and Validity of Ratings. *Educational and Psychological Measurement*, 45(1), 131–142.  
<https://doi.org/10.1177/0013164485451012>
- Akrami, N., Ekehammar, B., & Yang-Wallentin, F. (2011). Personality and social psychology factors explaining sexism. *Journal of Individual Differences*, 32(3), 153-160. <https://doi.org/10.1027/1614-0001/a000043>
- American Educational Research Association, American Psychological Association, National Council on Measurement in *Education, Joint Committee on Standards for Educational and Psychological Testing* (U.S.). (2014). Standards for educational and psychological testing. AERA.
- Bergh, R., & Brandt, M. J. (2022). Generalized Prejudice: Lessons about social power, ideological conflict, and levels of abstraction. *European Review of Social Psychology*, 34(1), 1-35. <https://doi.org/10.1080/10463283.2022.2040140>
- Bohner, G., Ahlborn, K., & Steiner, R. (2009). How Sexy are Sexist Men? Women's Perception of Male Response Profiles in the Ambivalent Sexism Inventory. *Sex Roles*, 62(7-8), 568-582. <https://doi.org/10.1007/s11199-009-9665-x>
- Borgogna, N. C., McDermott, R. C., Berry, A. T., & Browning, B. R. (2019). Masculinity and problematic pornography viewing: The moderating role of self-esteem. *Psychology of Men & Masculinities*, 21(1), 81.  
<https://doi.org/10.1037/men0000214>
- Brown, T. A. (2015). *Confirmatory factor analysis for applied research*. The Guilford Press.

- Carlsson, F., Kataria, M., & Lampi, E. (2022). *Sexual objectification of women in media and the gender wage gap: Does exposure to objectifying pictures lower the reservation wage?*. <https://hdl.handle.net/2077/73317>
- Chen, S., Van Tilburg, W. A., & Leman, P. J. (2022). Self-objectification in women predicts approval motivation in online self-presentation. *British Journal of Social Psychology, 61*(1), 366-388. <https://doi.org/10.1111/bjso.12485>
- Curran, P. (2004). *Development of a New Measure of Men's Objectification of Women: Factor Structure Test Retest Validity. Honors Projects*. [https://digitalcommons.iwu.edu/psych\\_honproj/13](https://digitalcommons.iwu.edu/psych_honproj/13)
- DiStefano, C., & Morgan, G. B. (2014). A Comparison of Diagonal Weighted Least Squares Robust Estimation Techniques for Ordinal Data. *A Multidisciplinary Journal, 21*(3), 425-438. <https://doi.org/10.1080/10705511.2014.915373>
- Felig, R. N., Jordan, J. A., Shepard, S. L., Courtney, E. P., Goldenberg, J. L., & Roberts, T. A. (2022). When looking 'hot' means not feeling cold: Evidence that self-objectification inhibits feelings of being cold. *British Journal of Social Psychology, 61*(2), 455-470. <https://doi.org/10.1111/bjso.12489>
- Fileborn, B. (2018). Naming the Unspeakable Harm of Street Harassment: A Survey-Based Examination of Disclosure Practices. *Violence against Women, 25*(2), 223-248. <https://doi.org/10.1177/1077801218768709>
- Fleiss, J. L., Levin, B., & Paik, M. C. (2013). *Statistical methods for rates and proportions*. John Wiley & Sons.
- Formiga, N. S., Golveia, V. V., & Santos, M. N. (2002). Inventário de sexismo ambivalente: sua adaptação e relação com o gênero. *Psicologia em Estudo, 7*(1). <https://doi.org/10.1590/s1413-73722002000100013>

- Franco, S., Vieira, C. M., & Oliveira, M. R. M. D. (2022). Objectification of woman: gender implications in the imminence of bariatric surgery. *Revista Estudos Feministas*, 30(3). <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2022v30n379438>
- Frederick, D. A., Tylka, T. L., Rodgers, R. F., Pennesi, J. L., Convertino, L., Parent, M. C., Brown, T. A., Compte, E. J., Cook-Cottone, C. P., Crerand, C. E., Malcarne, V. L., Nagata, J. M., Perez, M., Pila, E., Shaefer, L. M., Thompson, J. K., & Murray, S. B. (2022). Pathways from sociocultural and objectification constructs to body satisfaction among women: The US Body Project I. *Body Image*, 41(1), 195-208. <https://doi.org/10.1016/j.bodyim.2022.02.001>
- Fredrickson, B. L., & Roberts, T. A. (1997). Objectification Theory: Toward Understanding Women's Lived Experiences and Mental Health Risks. *Psychology of Women Quarterly*, 21(2), 173-206. <https://doi.org/10.1111/j.1471-6402.1997.tb00108.x>
- Gervasio, A. H., & Ruckdeschel, K. (1992). College Students' Judgments of Verbal Sexual Harassment1. *Journal of Applied Social Psychology*, 22(3), 190-211. <https://doi.org/10.1111/j.1559-1816.1992.tb01535.x>
- Glick, P., & Fiske, S. T. (1996). The Ambivalent Sexism Inventory: Differentiating hostile and benevolent sexism. *Journal of Personality and Social Psychology*, 70(3), 491-512. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.70.3.491>
- Gothreau, C. M., Alvarez, A. M., & Friesen, A. (2022). Objectified and Dehumanized: Does Objectification Impact Perceptions of Women Political Candidates? *Journal of Experimental Political Science*, 1-14. <https://doi.org/10.1017/XPS.2022.15>
- Heflick, N. A., Goldenberg, J. L., Cooper, D. P., & Puvia, E. (2011). From women to objects: Appearance focus, target gender, and perceptions of warmth, morality

- and competence. *Journal of Experimental Social Psychology*, 47(3), 572-581.  
<https://doi.org/10.1016/j.jesp.2010.12.020>
- Holland, E., Koval, P., Stratemeyer, M., Thomson, F., & Haslam, N. (2016). Sexual objectification in women's daily lives: A smartphone ecological momentary assessment study. *British Journal of Social Psychology*, 56(2), 314-333.  
<https://doi.org/10.1111/bjso.12152>
- Jiao, J., Terán, L., & Aubrey, J. S. (2022). Buffering an objectifying culture: Interpersonal sexual objectification, self-objectification, and attachment anxiety. *Psychology of Women Quarterly*, 46(4), 438-453.  
<https://doi.org/10.1177/03616843221115335>
- Kellie, D. J., Blake, K. R., & Brooks, R. C. (2019). What drives female objectification? An investigation of appearance-based interpersonal perceptions and the objectification of women. *Plos One*, 14(8).  
<https://doi.org/10.1371/journal.pone.0221388>
- Koval, P., Holland, E., Zyphur, M. J., Stratemeyer, M., Knight, J. M., Bailen, N. H., Thompson, R. J., Roberts, T.A., & Haslam, N. (2019). How does it feel to be treated like an object? Direct and indirect effects of exposure to sexual objectification on women's emotions in daily life. *Journal of Personality and Social Psychology*, 116(6), 885-898. <https://doi.org/10.1037/pspa0000161>
- Lima, M. E. O, Barbosa, I. H.A., Araujo, E. M. S., & Almeida, J. N. (2020). Construção e validação da Escala de Racismo Revitimizador. *Estudos Interdisciplinares Em Psicologia*, 11(2), 130. <https://doi.org/10.5433/2236-6407.2020v11n2p130>
- Moradi, B., & Huang, Y. P. (2008). Objectification theory and psychology of women: A decade of advances and future directions. *Psychology of Women Quarterly*, 32(4), 377-398. <https://doi.org/10.1111/j.1471-6402.2008.00452.x>

- Moradi, B., & Tebbe, E. (2022). Um teste da teoria da objetificação com mulheres de minorias sexuais. *Psychology of Women Quarterly*, 46(2), 226-240.  
<https://doi.org/10.1177/03616843211052525>
- Quinn, B. A. (2002). Sexual Harassment and Masculinity: The Power and Meaning of “Girl Watching”. *Gender and Society*, 16(3), 386-402.  
<http://www.jstor.org/stable/3081785>
- Riemer, A. R., Sáez, G., Brock, R. L., & Gervais, S. J. (2022). The development and psychometric evaluation of the Objectification Perpetration Scale. *Journal of counseling psychology*, 69(4), 541. <https://doi.org/10.1037/cou0000607>
- Riemer, A., Chaudoir, S., & Earnshaw, V. (2014). What Looks Like Sexism and Why? The Effect of Comment Type and Perpetrator Type on Women’s Perceptions of Sexism. *The Journal of General Psychology*, 141(3), 263-279.  
<https://doi.org/10.1080/00221309.2014.907769>
- Roberts, T. A., Calogero, R. M., & Gervais, S. J. (2018). Objectification theory: Continuing contributions to feminist psychology. *APA Handbook of the Psychology of Women: History, Theory, and Battlegrounds*, 1, 249-271.  
<https://doi.org/10.1037/0000059-013>
- Roca, G. M. (2018). Through the Lens of Objectification Theory: Social Media Use and Women’s Behavioral Health al Health (pp. 1–103) [USF Tampa Graduate Theses and Dissertations]. <https://digitalcommons.usf.edu/etd/7707>
- Singh, D., & Young, R. K. (1995). Body weight, waist-to-hip ratio, breasts, and hips: Role in judgments of female attractiveness and desirability for relationships. *Ethology and Sociobiology*, 16(6), 483-507.  
[https://doi.org/10.1016/0162-3095\(95\)00074-7](https://doi.org/10.1016/0162-3095(95)00074-7)

Szymanski, D. M., Carr, E. R., & Moffitt, L. B. (2011). Sexual objectification of women: Clinical implications and training considerations. *The Counseling Psychologist, 39*(1), 107-126. <https://doi.org/10.1177/0011000010378450>

Wanniarachchi, V. U., Scogings, C., Susnjak, T., & Mathrani, A. (2022). Fat stigma and body objectification: A text analysis approach using social media content. *Digital Health, 8*, 205520762211174.

<https://doi.org/10.1177/20552076221117404>

Ward, L. M., Daniels, E. A., Zurbriggen, E. L., & Rosenscruggs, D. (2023). The sources and consequences of sexual objectification. *Nature Reviews Psychology, 2*, 1-18. <https://doi.org/10.1038/s44159-023-00192-x>

Zolot, L. (2003). *The Development of a Measure of Men's Objectification of Women. Honors Projects*. [http://digitalcommons.iwu.edu/psych\\_honproj/29](http://digitalcommons.iwu.edu/psych_honproj/29)